

## O “filme” da caçada Munduruku

Os índios vão remando até as proximidades de onde acreditam encontrar a caça. Se estiverem de roupas, eles as deixam na canoa e entram no mato nus. Levam apenas seus arcos e flechas. Quando encontram algum animal, o que acontece às vezes até por sentirem o seu cheiro, têm que ir se aproximando dele contra o vento, para que o odor dos seus corpos não o afugente. Têm que caminhar leve, não podendo pisar ou encostar em qualquer coisa que faça barulho. Qualquer estalido ou ruído e o alimento dos seus filhos foge. Mas como não encontrar folhas secas, gravetos e galhos no chão da floresta? – eu me pergunto. E vou completando, com minha imaginação, as cenas que Hiwero descreve. Eu os vejo, então, andando e pisando como se nem andassem, como se nem pisassem. O jeito é não pôr os pés no chão, é flutuar, é voar. E como evitar cobras e outros bichos, andando descalço na mata? Descalço e nu?! Quando avistam uma caça, a aproximação tem que ser a uma distância pequena. Eles têm que chegar razoavelmente perto para que sua flecha possa alcançá-la e abatê-la, e para que as árvores, galhos e cipós que bloqueiam o seu caminho não a desviem. Eles não estão em um campo aberto, onde ela pudesse viajar livre e sem obstáculos, estão naquela mesma rede trançada e fechada que conhecemos na viagem, na mesma floresta intocada que exigia abrimos picada para a canoa passar.

Talvez com a suavidade com que andam, a leveza com que caminham, eles cheguem a cinqüenta, trinta, vinte metros do animal. Mas quando o animal – uma anta, uma paca, um veado – foge e eles têm que correr atrás? Como precisam correr! É até difícil conceber como podem competir com a velocidade dos bichos! E como correr naquela malha verde que tudo bloqueia? E correndo, ainda, sem proteção para o corpo e para os pés, em um chão completamente imprevisível e traiçoeiro?

Na caçada, eles precisam também se comunicar, muitas vezes de longe, fora do raio de visão um do outro, e sem ter como fazê-lo através de gestos e sinais. Quando um deles encontra um animal e é preciso chamar os companheiros, como gritar e avisá-los? Quando tentam fazer o cerco à presa e ela se movimenta, muda de lugar, como informar ao irmão que se encontra distante, de tocaia, para sair de onde está e assumir nova posição? Como se comunicar sem afugentar a caça? Aqui, toda a importância daqueles

sons miudinhos e assobiados, que mais parecem cantos de pássaros ou silvos de zarabatanas, daquelas vozes tão fininhas e baixinhas que nem o frei escuta, mesmo estando perto deles; aqui, o porquê daquelas conversas tão silenciosas, quase inaudíveis. A forma de comunicação dos Mõnjouroko é a base e condição da sua vida. E não é somente o falar, é o escutar também. Um é proporcional ao outro, um depende do outro. Se um índio fala tão baixinho, é preciso que o outro tenha o ouvido aguçado para receber sua mensagem. Ambos são fatores de sobrevivência. No rastro de uma presa, à espreita de um pássaro, cercando uma caça, sentindo ou presentindo (a intuição também tem que ser extremamente desenvolvida) a proximidade de um animal perigoso, eles são capazes de detectar os sons mais sutis e suaves, os odores mais discretos. E de perceber os olhares mais ocultos, de executar os movimentos mais imperceptíveis e de se comunicar a distâncias grandes sem ruídos. Eles dominam e partilham, assim, da linguagem silenciosa da floresta, a respeitam e a preservam: feri-la é ser castigado por ela, é não receber seu alimento e seu agasalho. As histórias do frei contavam como a sua forma de comunicação é importante para as ocasiões de guerra, mas estamos vendo como ela é fundamental, também, para a sua luta pelo alimento de cada dia. Nós já tivemos uma mostra disso na viagem pelos alagados, com os olhos que enxergam à noite, e continuamos a perceber como a vida na selva exige que os seus órgãos de sentido sejam extremamente aguçados, exponencialmente mais desenvolvidos do que os nossos.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*  
Autor: Walter Andrade Parreira  
(Cap.13 – ‘Filhos-do-sol e filhas-da-lua’ – pág.255 a 257)